

Agronegócio

A caminho da primeira carne com selo verde do Estado

Município de Cacequi é protagonista em boas práticas agropecuárias sustentáveis

Em meio ao cinturão da soja na faixa central do Estado, e com um dos cinco maiores rebanhos de gado de corte entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico, o município de Cacequi é protagonista em boas práticas agropecuárias sustentáveis. Não à toa, conforme o levantamento do SEEG de 2022, o município captura o maior volume de gases do efeito estufa neste recorte do Estado. Boa parte da explicação está da porteira para dentro da Fazenda Itapevi.

A partir da propriedade que há 121 anos é da família de Otávio Paiva, a perspectiva é de que no final de 2025 os frigoríficos recebam o primeiro lote de carne com “selo verde”, de 100% orgânica. A fazenda, que já tem destaque no desenvolvimento genético do gado e na criação no sistema silvopastoril, será a primeira no Sul do Brasil a ter este selo, a partir do projeto-piloto implantado em parceria com a Embrapa e a UFSM.

Era uma oportunidade que a Marfrig, apontada como a indústria que processará o abate e comercialização da carne com selo verde, já desenvolve junto a produtores do Uruguai, por exemplo.

“Os animais que vamos usar para este projeto terão



FAZENDA ITAPEVI/DIVULGAÇÃO/JC

Fazenda Itapevi mantém 200 hectares de área silvopastoril

superioridade na produção de carne, com alta genética, capaz de fazer a diferença no mercado pela qualidade. Calculamos que, com o selo verde, seja possível um ganho de 5% a 10% a mais no valor da carne, e ainda com um acréscimo de outros 5% por ser premium. Hoje, trabalhamos com 800 animais, sendo 20% de elite, e os demais terminadores. Agora, teremos o ciclo completo da produção”, explica o produtor. Para atender à demanda deste novo mercado, e também multiplicar as práticas sustentáveis, Paiva já conversa com propriedades vizinhas para que usem a sua genética na fase de incubação do gado. A meta é chegar a 2 mil cabeças com selo verde por ano.

O novo passo rumo a produção ainda mais limpa está no DNA da Itapevi. Começou, como recorda Paiva, quando o pai, em 1974, desenvolveu o plantio direto e introduziu o trigo na

região. Há 20 anos, diante da estagnação e das perdas com as secas da soja, foi Otávio Paiva quem deu uma virada. Investiu na silvicultura, com o plantio de eucaliptos, mas não parou por aí. Em 18 meses, tinha o seu gado pastando no campo, mas dentro da área de floresta.

É a prática da neutralização direta dos gases gerados pela bovinocultura, apontada como uma das produções de maior potencial gerador de gases. No sistema silvopastoril, a floresta neutraliza boa parte dessas emissões e ainda gera ganhos ao solo, com o pasto natural coberto. “Quando as folhas morrem, caem no solo e isso resulta em ainda maior produção de nutrientes. Toda essa ciclagem é feita debaixo dos eucaliptos, como se fosse um galpão a céu aberto. Temos um solo com condições 50% superior ao nativo.”

Hoje, a propriedade conta com 200 hectares de área silvopastoril, considerada ideal para o desenvolvimento de mil animais. A condição “verde” destes animais e da propriedade será acompanhada a cada 15 dias por técnicos da UFSM, inclusive com monitoramento do balanço de emissões nas áreas de pastagem, de floresta e de mata nativa da fazenda. A dieta dos animais, além da pastagem, com suplementação toda orgânica, também será controlada até render o selo. A ideia do produtor é avançar com esta cultura em toda a sua produção. A fazenda segue produzindo soja e arroz, com sistema de rotação entre as duas culturas e as pastagens.

Qualidade na produção de erva-mate é trunfo da região

O trabalho técnico em conjunto entre os produtores e a Emater nos últimos anos é a principal esperança do setor produtor de erva-mate para confirmar a expectativa que tinha antes das cheias de maio de garantir uma safra superior à dos últimos anos. Pelo levantamento da entidade, a cheia destruiu por completo 438,8 mil plantas no Estado. De acordo com o Instituto Brasileiro da Erva-Mate (Ibramate), a perda é estimada em 10% da produção, justamente na região do alto Taquari, onde estão os municípios de maior produção da erva no Rio Grande do Sul.

“Comparado com outras culturas, o nosso impacto foi pontual, com uma perda total pequena. Mas há uma preocupação em relação ao excesso de chuva, que derrubou muitas folhas, e o excesso de umidade, que não é muito bom para a planta. Havia uma preocupação também com o frio, neste período a planta precisa de frio, ou perde folhas. Tivemos também alguns problemas logísticos, para acessar as áreas de plantios. Geralmente a colheita acontece entre maio e setembro, mas segue também nos outros meses”, explica o presidente do Ibramate, Alberto Tomelero.

A aposta, para chegar às até 320 mil toneladas previstas pela Emater para essa safra de erva-mate verde, chegando a 52% a mais do que em 2022, por exemplo, quando houve estiagem, está na melhoria técnica dos ervais. Segundo Tomelero, no Estado há hoje produtores que chegam a obter 30 toneladas de erva por hectare, com uma

média de 10 toneladas. Há uma década, a média ficava em torno de 5 toneladas por hectare.

“A produção tem se qualificado muito, com o maior adensamento dos ervais. Levam oito anos para que um erval se desenvolva, e o que tem acontecido em regiões como o Alto Taquari, onde as áreas não são planas e não permitem a mecanização para outras culturas, é essa especialização. O número de produtores até reduziu, mas a qualidade do produto está em evolução”, comenta o dirigente. Nesta região, que concentra os quatro principais municípios produtores de erva-mate e, juntos, somam mais de 50% da área plantada no Rio Grande do Sul. “No mundo, o maior consumo é da erva amarela, e a nossa indústria ainda não tem, e não incentiva o produtor a ter, estrutura para armazenar grandes quantidades de erva, para que ela fique estacionada, como faz a indústria argentina”, aponta Tomelero.

Segundo ele, quanto mais tempo de estacionamento da erva, mais suave ela fica. De forma individual, algumas empresas, como a Baldo, em Encantado, têm avançado neste setor. Não à toa, sai do município 71% da erva-mate exportada pelo Rio Grande do Sul. É o principal exportador gaúcho. Na região, somente Arvorezinha está na lista dos cinco principais exportadores, mas com menos de 5% da erva negociada no exterior. Por outro lado, a produção de Ilópolis, Arvorezinha, Anta Gorda e Putinga, somadas, representam 43,7% de toda a erva-mate do Estado.

Produção de erva-mate em municípios

- Em 2022, o Rio Grande do Sul concentrava 28,1 mil hectares de área plantada, 36,7% da produção do País. Entre 2020 e 2022, houve crescimento de 2,8% da área plantada.
- 73% das exportações de erva-mate são gaúchas.
- **Maiores produtores**
- ♥ Ilópolis: 5,2 mil hectares (34,5 mil toneladas)
- ♥ Arvorezinha: 5 mil hectares (30,4 mil toneladas)
- ♥ Anta Gorda 2,7 mil hectares

- (16,8 mil toneladas)
- ♥ Putinga: 1,6 mil hectares (10,4 mil toneladas)
- ♥ Venâncio Aires: 600 hectares (em 20 anos, reduziu em 4,1 mil hectares)
- **Exportadores de erva-mate**
- ♥ Encantado: 49,9 milhões de dólares (71% das exportações do RS)
- ♥ Arvorezinha: 3,2 milhões de dólares (4,6% das exportações do RS)

(FONTE: SEAPI,2022)

Dados sobre emissões

- As Regiões Central, Jacuí Centro e Vales do Jaguari, Taquari e Rio Pardo respondem por 12,09% do PIB do RS, mas emitem 16,12% dos gases do efeito estufa do Estado.
- Entre as regiões, o Vale do Jaguari, que teve crescimento de quase 60% no PIB entre 2020 e 2021, é o que mais emite, totalizando 5,4 milhões de toneladas em 2022.
- O Vale do Rio Pardo, onde está o município mais industrializado da região, é o que mais captura gases, 20,4% do que emite.

- **Municípios que mais emitem GEE:**
- ♥ Santiago: 1,2 Mt
- ♥ São Francisco de Assis: 1,1 Mt
- ♥ Cachoeira do Sul: 1 Mt
- ♥ Santa Maria 865,2 kt
- ♥ Jaguari 848,2 kt
- **Municípios que mais capturam GEE:**
- ♥ Cacequi: 253 kt
- ♥ Cachoeira do Sul: 193,1 kt
- ♥ São Francisco de Assis: 160,2 kt
- ♥ Rio Pardo: 133,1 kt
- ♥ São Sepé: 108,6kt

(FONTE: SEEG,2022)